

FLAGELO NO NORTE

São Mateus tem prejuízo de R\$ 20 milhões

SANDRA PACHECO

Secretário de Agricultura do município defende ação integrada entre poderes

A seca pode provocar um prejuízo de aproximadamente R\$ 20 milhões para a economia de São Mateus, incluindo a geração de tributos. As maiores perdas estão ocorrendo no café – a próxima safra deve ter uma redução de 40% em relação à última colheita. Só na cafeicultura isso pode significar R\$ 8 milhões a menos na economia municipal. A fruticultura, a pimenta-do-reino e a pecuária de leite também estão entre os setores mais atingidos.

As previsões são do secretário municipal de Agricultura, Wellington Secundino. O destaque para o café ocorre porque a cultura representa a maior parte da agricultura local. Mas também na pecuária de leite as perdas têm chegado a 60% em algumas comunidades, mais no interior do município, sendo que este não é setor mais expressivo. Na frente estão a pimenta-do-reino e a fruticultura, cujas perdas chegam a 30%.

Em um relatório entregue no mês de julho ao Governo federal, o município solicita a



alocação de recursos para a contratação de máquinas para a construção de barragens; a volta das frentes de trabalho por meio da Sudene, e o pleno funcionamento dos comitês das bacias hidrográficas, pois os principais rios que cortam a cidade – o São Mateus, Itauninhas e o Barra Seca – têm suas águas bastante utilizadas nos municípios de origem. O documento registra ainda que, de acordo com levantamentos do Servi-

ço Autônomo de Água e Esgoto (Saae), há um déficit de 306,5 milímetros de água pluvial, apenas nos primeiros seis meses deste ano.

Ações integradas

Um projeto experimental foi desenvolvido em São Mateus pela Secretaria Municipal de Agricultura. Três es-

tradas foram reformadas, desde 2001, e passaram a captar a água da chuva em caixas secas. “Além de melhorar a manutenção das estradas vicinais, isso garante o represamento da água da chuva. Mas o custo é alto”, ressaltou o secretário de Agricultura, Wellington Secundino.

“Mas o próprio produtor

pode tomar iniciativas em determinadas situações, como por exemplo, a técnica da capineira, que é muito antiga. Mas o pecuarista só deixa para fazer quando a seca está em cima. Na capineira a gente planta um tipo de capim, rico em proteína, que dá muito volume entre outubro e março. Depois se

corta o capim e faz reserva através dos silos para alimentar o gado na época da seca. Mas poucos fazem isso”, lamentou.

Ele destaca a necessidade de ações integradas entre as três esferas do poder público – municipal, estadual e federal – para combater os efeitos da seca. “Ela é cíclica em nossa região. Precisamos aprender a conviver com ela. Falta um trabalho mais integrado entre o poder público”.

'Um dia ela caiu e não levantou mais'

Além das quebras de safra agrícola, os pecuaristas também estão sendo atingidos pela seca em São Mateus. Na região do Córrego Seco, no distrito de Nestor Gomes, a cada semana surgem notícias de morte de gado. Por lá, os produtores nem tentam fazer o manejo do gado, pois toda a pastagem está seca.

Entre os que contabilizam perdas está José Tomáz, 43 anos, que trabalha de meeiro em uma das propriedades do lugar. Nas últimas semanas 12 cabeças foram perdidas. Uma delas era a vaca Menina, da raça jersey, que rendia seis litros de leite todos os dias para a família numerosa do meeiro. "Levantei ela muitas vezes para pastar, mas ela acabou não resistindo. Um dia caiu e não levantou mais", lamentou o agricultor. Ele conta que, nas últimas semanas, ouviu falar que 17 bois e vacas morreram nas fazendas vizinhas.

Café

José também está preocupado com a produção da pequena plantação de café que cultiva na propriedade, cujos lucros serão divididos com o dono da fazenda. No ano passado ele colheu 23 sacas. Mas com a seca que assola a região, que ele considera a pior dos últimos três anos, José

calcula que não colherá mais que 15 sacas. Ele conta que ainda não parou para fazer as contas sobre quanto sobrar para pagar os investimentos em insumos da plantação. "O negócio é ir trabalhando. Se chover um pouquinho agora, ajuda", diz, com esperança em dias melhores.

No município vizinho de Pedro Canário, a seca também traz prejuízos para a pecuária, mas por enquanto são os pequenos produtores que sentem as dificuldades. Ainda não houve registro de morte de gado no Instituto de Defesa Agrícola e Florestal (Idaf) da cidade.

Contudo, quanto mais distante do litoral, maior é o sofrimento. No distrito de Cristal do Norte, a 35 quilômetros da sede, quem não possui vastas áreas para manejar o gado precisa usar a criatividade.

Aos 60 anos, "seu" Juarez José de Souza, não se rende e luta para manter o pequeno rebanho de nove cabeças. Todos os dias ele leva o gado para a estrada de acesso ao distrito. A fonte de alimentação está nos pedaços de cana que caem dos caminhões da destilaria Cridasa. "A gente não consegue achar manga (pasto) para arrendar. Então, enquanto eu tiver força trago o gado para a estrada".



ALTERNATIVA

Na primeira foto, o pequeno produtor Juarez de Souza leva o gado para se alimentar na beira da estrada, com a cana que cai dos caminhões da destilaria Cridasa. Acima, o produtor José Tomáz, que já perdeu 12 cabeças nas últimas semanas. Para evitar maiores perdas, muitos produtores estão recorrendo ao bagaço da cana, obtido na Cridasa, para alimentar o rebanho



Bagaço de cana é usado como ração

Muitos produtores de Pedro Canário recorrem a um resíduo da produção de álcool, o bagaço hidrolizado da cana-de-açúcar, que é produzido pela Cridasa, uma cooperativa de destilação, localizada no distrito de Cristal do Norte.

A empresa já produziu 50 toneladas por dia do produto e não foi suficiente para atender à demanda. "A nossa preferência é para o cooperado, que compra o bagaço subsidiado. Mas chegamos a vender para outros produtores também. A procura é muito grande. Recebemos diversos pedidos de gente em Nova Venécia, São Mateus e outras cidades", contou o gerente agrícola da empresa, Júlio Antônio Saraiva Aguilar.

Fruticultura

Em Pedro Canário as perdas estão ocorrendo principalmente nas lavouras de fruticultura, segundo informou a secretária do Sindicato dos Produtores Rurais, Renata Moreira Araújo Alvarenga. "Todos os dias chegam produtores lamentando a queda na safra, principalmente do mamão".

O pecuarista Manoel Elias Gasparini cita que foi preciso reduzir a quantidade de gado por alqueire. Se um pasto comportava cinco cabeças por alqueire, agora só podemos colocar três, porque não há pasto suficiente